

Adolescência e corpo: o encontro com o sexo e as ciladas do gênero

*Natália Pereira Travassos
Marco Antonio Coutinho Jorge*

Introdução

Uma das descobertas mais fascinantes de Sigmund Freud foi o caráter difásico da sexualidade humana. Como ele desenvolve em um de seus textos mais importantes e inovadores, os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”¹, a criança apresenta uma sexualidade muito rica, efeito da enorme plasticidade pulsional, que o levou a denominá-la de perversão polimorfa. Esta pode ser facilmente observada na criança pequena que exhibe o funcionamento simultâneo das diversas pulsões parciais, acopladas a cada orifício corporal, em busca de satisfação e regidas pelo princípio de prazer.

O princípio de prazer que rege a busca imperativa de satisfação pulsional entrará muito cedo em colisão com os

¹ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v.6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dorá”) e outros textos [1905].

obstáculos erigidos pela realidade, que se opõem a ela com igual intensidade, produzindo um conflito cuja resultante é o advento do princípio de realidade. Note-se que o princípio de realidade não é a realidade. Ao contrário, e muito significativamente, o princípio de realidade é o prolongamento do princípio de prazer que, em contato com os obstáculos à consecução de seus fins – o alvo ou a meta da pulsão –, transforma-se parcialmente em princípio de realidade e constrói, no aparelho psíquico, um espaço privilegiado denominado por Freud de fantasia (consciente e, sobretudo, inconsciente). Assim, paradoxalmente, a fantasia constitui a realidade psíquica do sujeito e é ela que permite dar à pulsão um destino diferente do da satisfação obtida através da realidade material. A fantasia é reveladora do caráter exorbitante e imperativo das pulsões, que são indomáveis (Freud *dixit*) e não aceitam o não.

Concomitantemente a esse processo de construção do aparelho psíquico em torno da atividade do fantasiar, que permitiu a Lacan levantar a hipótese da fantasia fundamental como seu núcleo inultrapassável – e que deve na análise ser objeto de uma travessia –, a criança entra no processo educacional, baseado essencialmente no controle esfinteriano e na construção de três grandes barreiras: a vergonha, a repugnância e a moral, três aquisições que lhe são impostas pelo Outro familiar e social.

As diferentes fases da libido repertoriadas por Freud não são naturais e biológicas, mas correspondem à ação da linguagem – do Outro – sobre o corpo do bebê, nas diferentes e sucessivas etapas de sua evolução: primeiro a fase oral, que corresponde à ação do outro sobre o orifício oral durante toda a primeiríssima fase da vida do bebê, produzindo a zona erógena oral; em seguida a fase anal, tributária da educação esfinteriana; e a fase genital, sobrevinda quando a intensa atividade masturbatória da criança se torna o objeto de repreensão do Outro parental.

Como resultado da travessia edípica, por volta de cinco ou seis anos de idade, o supereu faz valer toda a sua força, e a criança entroniza a interdição do incesto e entra numa fase que Freud denominou de período de latência. Como sintetiza Anne-Marie Leriche, a latência é marcada por uma importante diminuição das atividades pulsionais, por uma dessexualização das relações objetais e dos afetos, quando os desejos eróticos recalçados se transformam em ternura. Cria-se, então, mecanismos de defesa sólidos (recalque, formação reativa) e sublimações, acompanhados de uma diminuição acentuada da atividade do fantasiar².

Sexo e gênero

A efervescente discussão sobre gênero, corpo e sexualidade presente na cultura contemporânea tem provocado efeitos importantes verificáveis na clínica psicanalítica. Não raro, analisando passaram a interrogar a própria homossexualidade pela via da transexualidade, ou seja, a escolha de objeto homossexual levou esses sujeitos a questionar suas identificações, construídas a partir da imagem encarnada daquilo que a ciência define como homem ou mulher e dos papéis sociais atribuídos, respectivamente, como masculinos ou femininos. Em suma, com base no imaginário, campo do sentido no qual todos estamos necessariamente mergulhados³, mas que na neurose consiste num violento aprisionamento que abole a ambiguidade inerente ao simbólico.

² LERICHE, Anne-Marie. Phase de latence. In: Dictionnaire de la psychanalyse. Paris: Albin Michel, 1997 (Collection Encyclopaedia Universalis).

³ O percurso de Lacan no tocante à tematização do imaginário é revelador da força do campo do sentido: se, no início de seu ensino, ele chega a propor que, com a análise, se reduza o Eu (instância imaginária primordial originada no estágio do espelho) a zero, ao final, sua pretensão é bem menor e se restringe a agilizar a sua simbolização: “Estamos no imaginário, é o que se deve lembrar. Por elaborado que se o faça, é ao que a análise nos leva, é no Imaginário que se está. Não há meios de reduzi-lo em sua imaginabilidade” (LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 22: R.S.I.* [1974-1975]: Lição de 18/03/1975. Inédito).

Apesar de Freud ter apontado enfaticamente a absoluta falta de correspondência entre a escolha de objeto e as características e atitude sexual,⁴ e rejeitado com veemência a ideia do terceiro sexo⁵, a confusão entre orientação sexual e identidade de gênero⁶ é muito comum e resulta numa correspondência imaginária que leva facilmente à crença de que homens masculinos e mulheres femininas são heterossexuais e homens femininos e mulheres masculinas são homossexuais. Pura falácia que passou a incidir sobre o universo infanto-juvenil de forma ainda mais preocupante, quando o assunto da transexualidade começou a ocupar espaço na cultura contemporânea⁷.

Surpreendentemente, um quadro clínico de pequena prevalência populacional⁸ tem tomado grande espaço nas mídias, rodas de conversa, estudos científicos e gerado aumento significativo da procura por serviços de saúde especializados em “tratamentos”⁹ relacionados às questões de identidade de gênero. Reconhecemos a importância de manter a discussão sobre o tema, principalmente no Brasil – país apontado como campeão no *ranking* estatístico de violência contra pessoas LGTBI+ –, mas há outros dados que, concomitantemente, chamam atenção,

⁴ Cf. FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher [1920]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v.15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos [1920 – 1923].

⁵ Em 1864, época em que a homossexualidade era considerada crime, o advogado e importante ativista dos direitos homossexuais Karl Heinrich Ulrichs cunhou o termo *uranismo* para descrever o sentimento de ter a alma feminina presa em um corpo masculino, ou seja, um terceiro sexo.

⁶ O termo identidade não pertence à psicanálise e nos leva a crer que se trata da cristalização imaginária de uma identificação ou traço identificatório.

⁷ Cf. JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natalia Pereira. *Transexualidade: o sujeito entre a ciência e o corpo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

⁸ Segundo o *DSM-5*, a prevalência do quadro de Disforia de gênero (F.64.0), entre adultos nascidos homens, é de 0,005% a 0,014%; e, entre adultos nascidos mulheres, é de 0,002% a 0,003% (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM 5*. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed: ABP, 2014).

⁹ Usualmente, hormonioterapia e cirurgias para adequação do corpo ao do sexo desejado. Em sua maioria, são irreversíveis.

como o aumento dos relatos de pessoas que destransicionaram¹⁰ e o aumento significativo da demanda para tratamento das questões de gênero entre crianças e adolescentes. Na Inglaterra, por exemplo, a quantidade de crianças (a partir de três anos de idade) e adolescentes atendidos em clínicas de identidade de gênero quadruplicou no período de 2012 a 2017. Na opinião do representante do Departamento de Educação inglês, Chris McGovern, o encorajamento das questões de gênero em crianças que, segundo ele afirma, “deveriam apenas ser crianças”, virou uma indústria. Para ele, quando professores levantam essas questões, as crianças podem ficar confusas, infelizes e, sobretudo, traumatizadas¹¹.

Apesar de Freud não se ter dedicado com exclusividade ao estudo da criança e do adolescente, ressaltou, em alguns momentos de sua obra, a importância dessas fases do desenvolvimento, principalmente nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em que, de forma revolucionária para a época, aponta a existência da sexualidade na mais tenra idade. O trabalho com crianças e adolescentes revela certa especificidade, pois de maneira geral são trazidos ao consultório analítico por uma demanda que não é deles, mas de um adulto.

No efervescente caldeirão da sexualidade que marca o fim do período de latência e leva à assunção de uma posição sexuada (homem ou mulher), a questão do gênero que aquece nossa cultura pode se tornar um grave engodo com sérias consequências, principalmente quando não há espaço para a subjetivação que essa questão impõe. A pronta resposta da ciência – que, como mostrou Lacan, foraclui o sujeito e propõe intervenções no real do corpo como meio exclusivo de produção

¹⁰ Destransição é o processo de retorno ao sexo de nascimento enfrentado por pessoas transexuais que transicionaram e, por algum motivo, decidiram retroceder.

¹¹ TURNER, Camila. Number of children being referred to gender identity clinics has quadrupled in five years. *Telegraph News*, 8 July 2017. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/07/08/number-children-referred-gender-identity-clinics-has-quadrupled/>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

do fim do mal-estar – pode acentuar um processo marcado pela angústia, essencialmente de separação do Outro, de crise da própria imagem e queda das identificações, resultando num desastre cujas proporções são difíceis de mensurar. Este é o caso da jovem norte-americana Cari, que aos vinte e dois anos de idade publicou um vídeo para falar sobre sua transição pediátrica e seu processo de destransição, este último atribuído à necessidade de parar de fugir de si¹². Aos quinze anos, iniciou sua transição social e, aos dezessete, começou a tomar hormônios. Seu relato pungente descreve uma cicatriz no peito, a voz rasgada e uma barba por fazer porque não conseguia encarar a ideia de crescer e ser uma mulher.

Caso clínico: o Eu é um outro

A é um adolescente de treze anos que veio trazido pela família porque “se revelou” transexual. Tímido, magro, de cabelos curtos, vestindo roupas escuras, usando uma mochila na frente do corpo, disse que não sabia o que falar. Bastou algumas perguntas para contar que era transexual e queria saber quando poderia começar a fazer alterações no seu corpo. Curiosamente, o discurso que surgiu a partir da segunda entrevista versava sobre sua história, principalmente o abandono da mãe, que ele sofreu quando tinha nove anos de idade, próximo a sua entrada na puberdade – o corpo começou a mudar, seus “tumores” (forma como se refere às próprias mamas) cresceram e veio a primeira menstruação. Na mesma época, sua pele foi tomada gravemente pela psoríase, que ainda permanece. Antes do diagnóstico feito pelo dermatologista, a mãe insistia em dizer que A estava com sarna.

A narra com surpreendente clareza as fases pelas quais passou depois do abandono materno (raiva, tristeza, conformação

¹² HIGGINS, Laurie. *Things you don't hear about Gender Dysphoria*. USA: Illinois Family Institute, 12 July 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9L2jyEDwpEw&t=6s> >. Acesso em: 2 jul. 2018.

e indiferença), assim como os processos punitivos aos quais passou a se submeter. Um deles permanece até hoje: o *cutting*, que começou depois que descobriu o prazer que sentia ao furar o dedo nos alfinetes de costura da avó paterna – que é costureira – e ver o sangue que dali saía. Passou a cortar-se com lâminas de apontador que “esquecia” sujas pela casa e depois com as lâminas de barbear do avô. Logo nas primeiras sessões, mostrou os cortes nos braços, pernas e citou outros lugares (peito, barriga e região dos quadris). Perguntou ao analista: *“Você não viu que outro dia cheguei com um bandaid no nariz?”*. Questionado sobre isso, prosseguiu: *“Eu me corto no rosto porque sempre que me olho no espelho vejo uma imagem que não quero ver... uma imagem feminina... a imagem da minha mãe”*. Segundo relato da família, há grande semelhança física entre A e sua mãe e, por diversas vezes, é chamado pelo nome dela pelos familiares.

Desde os primeiros meses de vida, mora com os avós maternos – que hoje têm a sua guarda –, o tio e sua respectiva esposa. O pai é uma figura pouco presente, mas muito admirada, assim como o tio materno. A mãe é vista por ele como irresponsável e inconsequente, e os avós de A temem que repita as escolhas dela.

Apesar de o desconforto em relação ao próprio corpo ter iniciado na puberdade, foi há apenas alguns meses que disse aos avós que não era uma menina, como eles pensavam, mas um menino. Sua revelação, assim como o corte de cabelo, se deu na mesma época em que uma grande emissora de televisão apresentou na novela do horário de maior audiência um personagem que “se descobriu transexual” e, em uma cena emblemática, cortou seus cabelos. Naquele mesmo ano, ganhou uma irmã por parte de mãe que passou a ser o centro das atenções de toda a família. Disse em uma sessão: *“Tenho raiva dela porque ela tem uma mãe que eu não tive”*. A infância de A foi marcada por escassos cuidados maternos. Seu primeiro sorriso, segundo ele, foi testemunhado pelo pai: havia caído no chão, com o rosto voltado para baixo;

ao pegá-lo no colo pensando que tivesse morrido – porque A não chorou –, sorriu.

Apaixonado por personagens de mangás e *animes*, revela que uma das coisas que mais gosta são os *traps*, ou seja, ciladas em que um personagem que parece pertencer a um sexo revela, em determinado momento, que pertence ao sexo oposto. Também constrói suas próprias histórias e tem-se dedicado, atualmente, a construir uma em que o personagem principal tem o poder de transferir sua dor para os outros, mas não pode transferi-la totalmente porque a dor é o limite de proteção da vida; se ele parar de sentir dor, pode ser atingido por algo mortal.

Sobre os cortes que faz em si, diz: *“Sinto prazer quando me corto e as pessoas não entendem isso. Gosto do gosto metálico do sangue e também, quando estou me cortando, me distraio e não choro”*. Relata que, ao se cortar, ameniza a enorme dor que sente por dentro.

Homem ou mulher?

A linguagem funda o inconsciente; preexiste à construção do sujeito, que já nasce inscrito nos elementos da cultura. A relação que Lacan¹³ estabelece entre significante e significado demonstra que é no deslizamento do significante que surgem as inesgotáveis significações, portanto não há uma significação que encerre em si a palavra ligada à coisa. Ele utiliza a lei de segregação urinária para pensar a precipitação de sentido, ou seja, a entrada do significante no significado sobre uma realidade posta. Sendo assim, não há qualidade ontológica para ‘homem’ e ‘mulher’; a psicanálise revela que ambos só podem ser definidos a partir da linguagem. Pensar uma genitália como uma metonímia para a expressão da identidade sexual excluiria a construção sexual da ordem da subjetividade e da dinâmica pulsional. Distinguindo

¹³ LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1957]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

o corpo da carne, Lacan¹⁴ mostra como o corpo, assim como o encontro de uma função para seus órgãos, supõe a incorporação significante, apropriada a partir da relação com o Outro.

Não há fuga daquilo que o real do corpo impõe: apesar da tentativa de marcar uma diferença, o que se desdobra da articulação do par antitético homem – mulher leva ao espectro infindável acerca do feminino e do masculino, formas idealizadas da apreensão simbólica e imaginária de “ser homem” e “ser mulher”, a partir da primeira diferença com a qual nos deparamos sem hesitação, segundo Freud. Mudar de sexo tratar-se-ia, então, de um engano uma vez que o que está geneticamente marcado no corpo não pode ser modificado; o real é irreversível! E é precisamente devido à sua irreversibilidade que o real é impossível de ser simbolizado, pois o simbólico se caracteriza por sua aptidão para produzir reversibilidade.

Apesar da distinção “macho” ou “fêmea” feita pelo ser humano, o mal-entendido intrínseco ao discurso – que tenta corresponder o macho ao menino e a fêmea à menina – estará inevitavelmente presente porque “menina” e “menino” serão sempre definidos pela experiência. A proporção em que masculino e feminino se misturam é singular e a constituição da masculinidade e da feminilidade são inapreensíveis pela anatomia. Dessa forma, “macho” e “fêmea” dão lugar a “menino” e “menina”, incluindo toda e qualquer modulação que “masculino” e “feminino” permitem pelo seu caráter antitético. Se a natureza pode funcionar como ponto de ancoragem para o imaginário, a entrada na linguagem subverte essa estabilização de sentido. O sujeito não se reduz a um significante, ele é por excelência a escansão entre dois significantes. Não há uma essência do sujeito nem se trata de um “ser” (homem ou mulher), mas da *falta-a-ser*.

¹⁴ LACAN, Jacques. Radiofonia [1970]. In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 400-447. p.407.

O transexual, cárcere das formas cativantes do próprio imaginário, padece da cristalização de sua imagem no visgo de paixão que o constituiu. Camuflagem do impossível, a imagem que seduz aprisiona aquele que “nasceu no corpo errado” em seus quereres, e a infinita lista das demandas (cirurgias, hormônios, retificação do nome...) adia mortalmente seu desejo.

Homem e mulher são meros significantes e qualquer atribuição de sentido só os reveste de maior opacidade. Portanto, “nascer mulher aprisionada em corpo de homem” ou “nascer homem aprisionado em corpo de mulher” pode desaguar em tantas significações quanto o jogo dos significantes – logo, incidência de gozo – permite a cada sujeito. O corpo é in-corporação significativa, portanto o único bisturi que opera em seu registro real é a letra. O que vela o resto é semblante.

A escuta precisa do dito transexual revela que sua questão está na superfície que serve de anteparo para a imagem e não necessariamente se reduz ao pênis ou à vagina. O enunciado “nasci no corpo errado” é absolutamente distinto de “nasci no sexo errado”. Então, será que ainda é possível reduzir o pensamento de “ser homem” ou “ser mulher” às insígnias corporais correspondentes? O desconforto é localizado no corpo que, por excelência, é o lugar do estranhamento. A única diferença posta *a priori*, portanto, é a forma singular como o gozo incide para cada sujeito.

Sendo o corpo suporte para a imagem, de fato a transexualidade vem marcar algo que antecede a imagem – ou seja, vestir-se não basta –, que ultrapassa qualquer biologia e escapa a qualquer representação. O corpo do transexual denuncia a falta ou transborda um excesso. Sabemos que, apesar da anatomia, não há inscrição da diferença sexual no inconsciente. Sobre a diferença anatômica responde o saber científico, mas o que a psicanálise coloca em jogo é a experiência, aquilo que se presentifica pela singularidade simbólica: o inconsciente. Nesse

sentido, aquilo que é percebido pelo olhar sobre o corpo só pode ganhar sentido *a posteriori*, quando a pequena diferença anatômica constituirá o enigma da relação sexual.

Desde os primeiros relatos que descreveram o desajuste do corpo em relação à identidade sexual, a medicina procura explicação e solução para esses corpos desviantes. Atualmente, além das possibilidades de intervenção para corrigir o “erro da natureza”, temos tantos estudos quanto o que poderíamos imaginar: pesquisas genéticas, investigações hormonais, exploração do cérebro e da “mente”. Cada um com sua hipótese tenta dar à transexualidade a melhor explicação e a melhor solução. Mas o inconsciente – o tropeço das convicções – não é palpável, mensurável, controlável ou curável e encontra na histeria – estrutura do sujeito – o corpo sem razão.

Angústia: afeto da certeza

Além da transexualidade, a clínica com adolescente tem revelado frequentemente a presença de atos radicais como o *cutting* e a tentativa de suicídio. Em todos esses casos, a questão central enunciada é o corpo – uma das três principais fontes do mal-estar na cultura descritas por Freud¹⁵. No primeiro caso, a tentativa de construir bordas corporais (um lugar no espaço) e vias de escoamento de gozo e, no segundo, uma evasão do espaço.

Paola Mieli¹⁶ entende que as manipulações irreversíveis no corpo podem ser a tentativa de dar estabilidade a uma forma oscilante quando o arcabouço simbólico foi incapaz de circunscrever um furo. Ela recorre a dois conceitos usados na fotografia: *punctum* e *landmark*. Utiliza-se do primeiro para falar do lugar no corpo destacado pelo sujeito enquanto ponto

¹⁵ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1930]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v.18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936].

¹⁶ MIELI, Paola. *Sobre as manipulações irreversíveis no corpo*. Rio de Janeiro: Contra Capa: Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002.

de retorno do olhar do outro e que insiste, causando embaraço – definido por Lacan¹⁷ como o momento em que o sujeito não sabe mais o que fazer de si mesmo e procura um ponto onde se esconder; o ponto de captura, do congelamento, do recorte sem movimento. O alívio viria, portanto, ao se desfazer desse lugar do corpo.

O *punctum* – traço herdado que testemunha a *sulcagem* na transmissão – costuma ser um traço do contorno corporal, ofusca a imagem e pode ser encarnado em qualquer lugar do corpo. A manipulação corporal seria, portanto, uma tentativa de transformar esse ponto num território delimitado, que Mieli chama de *landmark* – a marca que designa limite em uma localidade ou um ponto de virada no tempo e pode se constituir de diferentes formas.

Uma é a inscrição do *landmark* como *apagamento*; a outra, sua inscrição como marco. Nos dois casos, o *landmark* implica a *invocação do traço*, a procura de um corte simbólico que dá uma forma definida a um contorno flutuante, e envolve a suspensão de um olhar que torna sua própria forma vã. O *landmark* é indício da necessidade de uma inscrição simbólica representativa de um traço da função paterna, a ser distinguido de um traço paterno real. Nesse sentido, o *landmark* é porta-voz de uma intervenção na transmissão entre gerações.¹⁸

Dessa forma, podemos pensar que as manipulações corporais visam transformar o ponto centrípeto do caos em corte apaziguador para ancoragem do traço que, ao mesmo tempo em que apaga, re-vela uma identificação.

O *landmark* não é exclusivo de uma estrutura. Apesar da aparente equivalência lógica, vale aqui ressaltar que essa elaboração teórica é distinta daquela feita por Lacan em

¹⁷ LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

¹⁸ MIELI, Paola. *Sobre as manipulações irreversíveis no corpo*, op. cit., p.16.

“Lituraterra”¹⁹ para falar do feixe marcado pelo primeiro traço, o *traço unário*, o Um da pura diferença, onde se chega no final da análise, chamado por ele de identificação-pivô, o Um unificante que se presentifica como escoamento do que se esvaneceu. Do vazio faz-se a terra a partir do litoral marcado pela rasura do traço que não havia antes. É do encontro entre o traço e o que esvanece que se faz sujeito, porém são necessários dois tempos. O *landmark* pode servir como sede de gozo, aponta a autora, mas esta por excelência é efeito da incidência da letra na carne, atrelado ao objeto *a* enquanto mais-gozar. Como ressalta de forma bela Paolo Lollo²⁰, o significante francês *corps*, ao ser falado, perde a sonoridade da letra explodindo em imagem: “p”, a letra explosiva que condensa o gozo fora do corpo.

Segundo Lacan²¹, o início da dialética entre o sujeito e o Outro começa na experiência especular e é marcado pela angústia, sob o efeito da alienação proporcionada pelo espelho, a partir da imagem. Nessa experiência, há a produção de um duplo identificatório: amparo ou horror; no segundo caso, quando o Outro não aparece. Lacan usa a metáfora do Louva-Deus fêmea, prestes a devorar o macho após a cópula, quando ao se deparar com os olhos da fêmea, não vê sua imagem refletida, ficando sem saber o que o Outro quer dele. É neste momento, diante do espelho, que se formam todas as distorções relativas ao corpo.

A pulsão integra a linguagem, marcando o corpo que, por sua vez, demanda leitura. É descrita por Lacan como um saber sobre o qual não há conhecimento, inscrito em um discurso, de tal forma que

¹⁹ LACAN, Jacques. Lituraterra [1971]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-25.

²⁰ LOLLO, Paolo. A morte, o diabo, o anjo e o cavalheiro. O cadáver, a carne, a carne (vivanda) e o corpo pulsional [conferência]. In: ENCONTRO NACIONAL, 6.; COLÓQUIO INTERNACIONAL DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE, 6: “O CORPO E A CARNE”, 26 de setembro de 2016, Búzios, Rio de Janeiro.

²¹ LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.96-103.

[...] o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia.²²

Há um primeiro dito, que pode ser um detalhe corporal, caído do campo do Outro em sua lúgubre onipotência que professa como oráculo. Tomado como insígnia, um significante apenas – o *traço unário* – incide sobre a marca invisível no sujeito, paradoxalmente alienando-o na forma de ideal do eu e marcando seu lugar de sujeito a vir, singularizando o que é da ordem do gozo. Tal marca, segundo Geneviève Morel²³, pode estruturar parcialmente um sintoma, sustentar um ideal, motivar um comportamento ou ainda creditar uma semelhança mimética.

Para Ana Costa²⁴, o traço unário é marcado primeiro como tatuagem; comemora o encontro com o desejo do Outro e libidinizava o corpo, inicialmente numa relação com os orifícios corporais; é algo que diz do gozo, mas não está no desdobramento significante. Dessa forma, estabelece-se uma busca de sentido para o *non sens*. Este é encontrado posteriormente, ao lado dessa marca heterogênea, sem sentido, no corpo.

Retomando a experiência do espelho, o furo provocado pelo desencontro da cadência heterogênea entre tempo e espaço é velado pela imagem. No momento em que saber e tempo se desarticulam, a imagem do corpo vacila. Se a condição de antecipação for perdida, surge a angústia. A ausência de intervalos elimina os limites, e o sujeito, ejetado da lógica do tempo, perde as bordas do corpo, sofrendo uma crise no espaço. Se o corpo aparece como excesso, a via de trabalho vai em direção

²² LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano [1960]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842. p.818.

²³ MOREL, Geneviève. *Ambigüedades sexuales: sexuación y psicosis*. Buenos Aires: Ed. Manantial, 2012.

²⁴ COSTA, Ana. *Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

à possibilidade de instaurar uma escansão, certo vazio, gerando espaço para antecipação. Isso é exatamente o que a medicina tampona.

Apontamentos clínicos

Ao comunicar sua transexualidade à família, A foi imediatamente levado ao psiquiatra que exclamou, inflando com mais sentido ainda a demanda de A: *“Não me surpreende que ele seja transexual; o exemplo feminino que tem dentro de casa é o pior possível”* – referindo-se à mãe de A. Comunicou aos avós que aquilo era muito mais comum do que imaginavam e encaminhou-o para a psicoterapia com o intuito de acompanhamento e verificação, conforme preconizado pelo processo transexualizador. Chegou a fazer algumas sessões, mas não gostava; os avós estavam incomodados porque sentiam que “tinham que engolir” aquela realidade do discurso de um adolescente – consideram a adolescência uma fase de mudanças e a decisão de ser menino ou menina nesse período de descobertas e conflitos deve ser vista como um questionamento a ser desdobrado cuidadosamente com o passar do tempo. Foi nesse contexto que foi trazido ao psicanalista; ele pediu um profissional que tivesse conhecimento sobre transexualidade, e a família queria apostar em uma experiência que pudesse proporcionar a ele uma escuta que fosse além do dilema sobre ser ou não ser menino.

Com o decorrer da análise, a queixa inicial deu lugar a uma demanda analítica do próprio sujeito. Relatou problemas com sua memória, que o incomoda muito, principalmente a que se refere ao período anterior à saída de sua mãe de casa. Em uma das sessões iniciais, levou várias cartas que costuma escrever à noite, antes de dormir, e esconde para que ninguém mais da família possa ler. Elas o ajudam a não esquecer o que foi importante naquele dia que passou. Escolheu uma para ler e deixar em posse do analista, pois poderia perdê-la. Em outra sessão, pediu ajuda

para recuperar suas lembranças. Costuma alternar momentos de fala, desenho e explicações sobre a cultura japonesa, pela qual é fascinado. Diz que herdou do pai o dom de desenhar, mas insiste sempre em dizer que seus desenhos estão ruins e precisa melhorar. Assim como o pai, o tio materno também gosta de *games*, *animes*, super-heróis e A está sempre preocupado em não os decepcionar. Da mãe, diz que puxou o gosto por filmes de terror, que costumava assistir com ela; eles costumam ter sangue e vampiros – personagens presentes igualmente nos *animes* de que gosta.

Em análise, A vem ressignificando sua história e seu lugar no mundo e na família: qual é a sua posição diante do desejo do Outro? Se a medicina pode tomar os elementos de um discurso para confirmar uma imagem, a psicanálise revela que a enunciação está esquecida por trás do enunciado. Diferente do que faz o médico, o fazer do psicanalista convoca o sujeito a posicionar-se diante de seu dito: qual é o seu dizer? Quando o psiquiatra diz que entende o motivo que levou A a se “tornar” transexual, o que fez foi colocar o seu ponto de basta no discurso onde poderia fazer comparecer o sujeito, ou seja, sem fazer questão, reassegurou as identificações.

As marcas corporais feitas em ritos de iniciação tradicionais de alguns povos como os aborígenes da África são a certeza da separação que se faz na época da adolescência. O cumprimento do rito deve ser testemunhado pelo Outro, é ele que chancela essa passagem. Os cortes feitos por A buscam leitura; ele esquece as lâminas sujas de sangue pela casa, mas ninguém vê; usa casaco em pleno verão carioca e ninguém estranha; faz um corte em seu rosto e pergunta ao analista: “*Você não viu que outro dia apareci aqui com um bandaid no nariz?*”. A atuação deu lugar à fala e tornou-se mostração para aquele que havia testemunhado seu primeiro sorriso; pela primeira vez deixou seus cortes expostos aos olhos do pai, que denunciou para o restante da família. Vale ressaltar que, por causa da psoríase, qualquer corte feito em seu

corpo cicatriza com mais dificuldade e deixa marcas. Depois dos cortes, veio a transexualidade; se os cortes ninguém via, agora todo mundo vê: tem aparência de menino e escolheu seu nome (que se inicia com a mesma sílaba que compõe o apelido carinhoso usado na família, derivado do nome de batismo dado pela avó materna).

Ana Costa²⁵ chama atenção para a produção de cortes na adolescência, que difere das ranhuras autoinfligidas na psicose. A produção de um furo num corpo que ameaça perder as bordas funciona como alívio da angústia; no caso de A, convoca o olhar do Outro para marcar a diferença entre ele e a mãe. Aliás, “ele” ou “ela”? Se a expectativa da família é que “ela” não seja como a mãe e faça as mesmas escolhas que a mãe, tornar-se um menino pode ser uma saída; com a aparência masculina deixa, inclusive, de ser chamada pelo nome da mãe. Na neurose, os cortes são endereçados, mas trata-se da produção de um ponto cego, “que esse olhar caia, que esse corpo se desprenda, que um não saber se instale”²⁶.

Considerações finais

À medida que o processo de análise de A avança, vemos claramente os inúmeros desdobramentos que a questão da transexualidade pode implicar, principalmente a partir das mudanças impostas pela puberdade. A adolescência – período do desenvolvimento psicosexual – é experienciada de forma singular por cada sujeito, mas traz para todos os impasses diante do sexo, a assunção de uma posição sexuada, a queda de algumas identificações para poder gozar de sua própria sexualidade, usufruir de seu corpo.

²⁵ COSTA, Ana. Rasura e angústia: a função do velamento do corpo. In: COSTA, Ana; RINALDI, Doris. *A escrita como experiência de passagem*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012. p.67-74.

²⁶ Id., *ibid.*, p.74.

A questão da identificação, tão crucial na adolescência, só pode vir à luz se houver alguém que escute. Ela se cristaliza numa identidade, aponta Lacan²⁷, logo o universo que a identidade de gênero oferece é um prato cheio principalmente para os adolescentes e aqueles que aderem aos movimentos identitários, que têm como característica principal o apagamento do sujeito em detrimento do grupo. Fica aqui uma questão: de que identidade se servir se o que o significante oferece é pura diferença? O discurso que corrobora a ideia de que o gênero é uma construção social e pode se opor ao sexo torna essa relação ainda mais delicada quando o primeiro pode se sobrepor ao segundo, levando, em casos extremos, às intervenções do corpo para adequá-lo à alma; saída, diga-se de passagem, fomentada pelas mídias. Frequentemente, escutamos relatos de transexuais que descobriram que eram transexuais a partir de informações veiculadas na mídia. O jovem em análise não foi o primeiro caso recebido no consultório que teve clara influência da mídia.

Reconhecemos a importância de abordar a questão da transexualidade, promovendo diálogos e reflexões, mas tanto a irreversibilidade da maioria das intervenções no corpo assim como o caráter lável das identificações e a presença intensa da fantasia na infância apontam a necessidade de haver maior rigor e prudência quando se trata de crianças e adolescentes. Não sabemos qual será a saída construída por A para lidar com o sexo – encontro com o real –, mas o fato de estar em análise nos leva a crer que será mais saudável e ética – *agiste conforme teu desejo?* – que qualquer outra; a psicanálise, diferente da ciência, lida com o sujeito e o índice de sua proximidade com o desejo: a angústia.

²⁷ LACAN, Jacques. “Nomina non sunt consequentia rerum” [1976]. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, Eolia, v.28, p.6-18, 2000.

Sobre os autores

Natália Pereira Travassos – Psicanalista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise/UERJ e pós-graduada pelo Programa de Residência Multiprofissional do HUCFF/UFRJ, na área de Psicologia em Doenças Infecto Parasitárias. Participa com trabalho voluntário no Grupo Arco-Iris de Cidadania LGBT.

Marco Antonio Coutinho Jorge – Psicanalista e médico psiquiatra. Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Professor Associado do Instituto de Psicologia da UERJ. Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris). Membro da Association Insistance (Paris).

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnostico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM 5*. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed: ABP, 2014.

COSTA, Ana. Rasura e angústia: a função do velamento do corpo. In: COSTA, Ana; RINALDI, Doris. *A escrita como experiência de passagem*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012. p.67-74.

COSTA, Ana. *Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v.6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade,

análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos [1905].

FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina [1920]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v.15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos [1920 – 1923].

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1930]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v.18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936].

HIGGINS, Laurie. *Things you don't hear about gender dysphoria*. USA: Illinois Family Institute, 12 July 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9L_2jyEDwpEw&t=6s>. Acesso em: 2 jul. 2018.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natalia Pereira. *Transsexualidade: o sujeito entre a ciência e o corpo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.96-103.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1957]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano [1960]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. Alocução sobre as psicoses da criança [1968]. In: _____. *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 302-310.

LACAN, Jacques. Radiofonia [1970]. In: _____. *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. p. 400-447.

LACAN, Jacques. Lituraterra [1971]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-25.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 22: R.S.I.* [1974-1975]: Lição de 18/03/1975. Inédito

LACAN, Jacques. “Nomina non sunt consequentia rerum” [1976]. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, Eolia, v.28, p.6-18, 2000.

LERICHE, Anne-Marie. Phase de latence. In: DICTIONNAIRE de la psychanalyse. Paris: Albin Michel, 1997 (Collection Encyclopaedia Universalis).

LOLLO, Paolo. A morte, o diabo, o anjo e o cavalheiro. O cadáver, a carne, a carne (vivanda) e o corpo pulsional [conferência]. In: ENCONTRO NACIONAL, 6; COLÓQUIO INTERNACIONAL DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE, 6: “O CORPO E A CARNE”, 26 de setembro de 2016, Búzios, Rio de Janeiro.

MIELI, Paola. *Sobre as manipulações irreversíveis no corpo*. Rio de Janeiro: Contra Capa: Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002.

MOREL, Geneviève. *Ambigüedades sexuais: sexuación y psicosis*. Buenos Aires: Ed. Manantial, 2012.

TURNER, Camila. Number of children being referred to gender identity clinics has quadrupled in five years. *Telegraph News*, 8 July 2017. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/07/08/number-children-referred-gender-identity-clinics-has-quadrupled/>>. Acesso em: 2 jul. 2018.